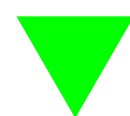




ACESSIBILIDADE E ESPORTE: conceitos e práticas para uma Educação Anticapacitista



MUSEU DO FUTEBOL

**Título**

Acessibilidade e Esporte: conceitos e práticas para uma Educação Anticapacitista

Organização

Junior Nascimento e Marcelo Continelli

Autores

Alessandro Tosim, Anahí Guedes de Mello, Bruna Gosling, Bruno Carra, Claudio Rubino, Rafael Astrada e Ricardo Alves

Capa e projeto gráfico

Fabio Machado (Pictomonster)

Apoio

Emerson Prata e Pedro Jackson

Editora

IDBrasil Cultura Educação e Esporte

Ano de publicação

2023

Cidade

São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ademir Takara (CRB8-7735)

N964

Núcleo Educativo do Museu do Futebol

Acessibilidade e Esporte: conceitos e práticas para uma Educação; Anticapacitista / Núcleo Educativo do Museu do Futebol; Alessandro Tosim; Anahí Guedes de Mello; Bruna Gosling; Bruno Carra; Claudio Rubino; Rafael Astrada; Ricardo Alves; organização: Junior Nascimento e Marcelo Continelli; projeto gráfico Fabio Machado (Pictomonster) -- São Paulo: IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2023.

48 p.

ISBN 978-65-87184-08-1

Apoio: Emerson Prata e Pedro Jackson.

1. Educação 2. Educação Museal 3. Acessibilidade 4. Anticapacitismo
5. Esporte

I. Título. II. Tosim, Alessandro. II. Mello, Anahí Guedes de. III. Gosling, Bruna. IV. Carra, Bruno. V. Rubino, Claudio. VI. Astrada, Rafael. VII. Alves, Ricardo. VIII. Nascimento, Junior (org.). IX. Continelli, Marcelo (org.). X. Machado, Fabio (projeto gráfico).

CDD 370

CDU 376



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador | Tarcísio de Freitas **Vice-Governador** | Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária | Marília Marton

Secretário-Executivo | Marcelo Henrique de Assis

Chefe de Gabinete | Daniel Scheiblich Rodrigues

Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

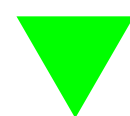
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico | Karina Santiago

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus | Renata Cittadin

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo | Denise dos Santos Parreira

Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico | Vanessa Costa Ribeiro

Equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico | Angelita Soraia Fantagussi, Dayane Rosalina Ribeiro, Eleonora Maria Fincato Fleury, Kelly Rizzo Toledo Cunegundes, Luana Gonçalves Viera da Silva, Marcia Pisaneschi Sorrentino, Marcos Antônio Nogueira da Silva, Mirian Midori Peres Yagui, Regiane Lima Justino, Roberta Martins Silva, Sofia Gonzalez, Tayna da Silva Rios e Thiago Brandão Xavier



IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE

Presidente | Carlos Antonio Luque

Vice-Presidente | Clara de Assunção Azevedo

Diretora Executiva | Renata Vieira da Motta

Diretora Administrativa e Financeira | Vitória Boldrin

Assessoria Museológica | Luiz Fernando Mizukami e Juliana Pons

Assistente de Diretoria | Naiah Mendonça e Vilma Campos

MUSEU DO FUTEBOL

Diretora Técnica | Marília Bonas

Assessora Técnica | Ellen Nicolau

Núcleo Educativo

Coordenador | Marcelo Continelli

Assistente de Coordenação | Pedro Jackson dos Santos

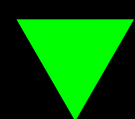
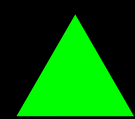
Assistente de Formação e Conteúdo | Emerson Prata

Supervisão | Ademir Alves Soares

Assistente Administrativa | Débora Henrique de Oliveira

Pessoas educadoras | André Almeida, André Piranda, Amaury Brito, Angélica dos Santos Angelo, Diego Francisco Sales, José Rodrigues Neto, Júlia Paccanaro Rosa, Karina Adorno, Leandro Watanabe, Matheus Alves Vilela, Shirley Liset Espejo Aguilar, Thainá Silva e Vinícius Leite

Pessoas orientadoras | Anderson Novaes da Silva, Claudia Correia da Silva, Ian Santana de Souza, Kevin Alves Sousa, Larissa Sousa dos Santos, Laryssa Santos, Luiz Ferreira, Mauro Alves de Almeida, Patrícia Vieira Alves, Raphael dos Santos Vasconcelos da Silva e Victor Cardillo



SUMÁRIO

Alessandro Tosim

Acessibilidade E Esporte: Conceitos E Práticas Para Uma Educação Anticapacitista

Anahí Guedes de Mello

“Não Sou Exemplo De Superação” : Esportes, Orgulho E Acolhida Da Deficiência

Bruna Gosling

O Papel Do Esporte No Desenvolvimento Socioemocional

Bruno Carra

Atividade Física Para Pessoas Com Deficiência: Uma Jornada De Bem-Estar E Empoderamento

Claudio Rubino

Prólogo Para As Indústrias Criativas Aleijadas

Rafael Astrada De Dorneles

Futebol De Cegos: História, Regras E Prática

Ricardo Alves

O Futebol De Cegos Como Potência Do Esporte Paralímpico De Alto Rendimento Do Brasil

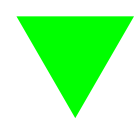
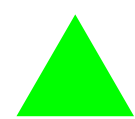


APRESENTAÇÃO

Junior Nascimento

Com grande entusiasmo, apresentamos este rico material, fruto da colaboração de profissionais notáveis que desempenharam papéis fundamentais na segunda edição do curso EAD sobre “Acessibilidade e Esporte: Conceitos e Práticas para uma Educação Anticapacitista”, promovido pelo Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol no ano de 2023. O curso teve como objetivo subsidiar os profissionais da educação formal e não formal sobre a potência do esporte como ferramenta transformadora da educação inclusiva, fundamental para a promoção da equidade no acesso à educação.

Durante esta jornada, o curso abordou as noções de deficiência e as dimensões da acessibilidade por meio de conceitos e práticas para uma educação democrática e anticapacitista. Além disso, promoveu diálogos com os participantes sobre o papel do esporte no desenvolvimento socioemocional, futebol de cegos e o esporte paralímpico como possibilidade de desenvolvimento esportivo para pessoas com deficiência. Esta iniciativa reforça o compromisso do Museu do Futebol com a cultura de acesso.



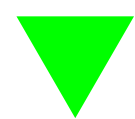
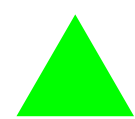
Tive a honra de atuar como curador e trabalhar sob a coordenação de Marcelo Continelli, historiador e coordenador do Programa Educativo do Museu do Futebol, a quem agradeço imensamente, juntamente com sua equipe, pela oportunidade de construção e reflexões sobre o esporte no contexto das práticas educativas e dos processos museológicos. Nossos sete professores, especialistas em suas áreas, nos conduziram a uma exploração profunda das dimensões teórica e prática da acessibilidade e do esporte. Indo além dos saberes técnicos e legais, nos conduziram para outras dimensões dos acessos e da acessibilidade como movimento, processo, criação, experiência estética e de mediação dentro e fora dos espaços de educação.

Os textos dos professores compilados nesta coletânea abordam diversos temas e cada professor e sua respectiva aula contribuíram significativamente para a riqueza deste material.

Nossos sete professores, especialistas em suas áreas, nos conduziram a uma exploração profunda das dimensões teórica e prática da acessibilidade e do esporte.

A aula, centrada em “Esporte e Educação Inclusiva”, foi liderada pelo Dr. Alessandro Tosim. Sua exploração do tema no artigo “Acessibilidade e Esporte: Conceitos e Práticas para uma Educação Anticapacitista”, embasada na sua atuação profissional como professor e coordenador do curso de Educação Física e na experiência como ex-treinador da seleção brasileira masculina de Goalball, acrescentou um valioso componente para a reflexão sobre o esporte para pessoas cegas e com baixa visão.

O artigo intitulado “Não Sou Exemplo de Superação: Esportes, Orgulho e Acolhida da Deficiência” surge da primeira aula ministrada pela Dra. Anahí Guedes de Melo. Anahí, uma antropóloga com doutorado em Antropologia Social, liderou a aula inaugural, abordando o tema “Deficiência e Acessibilidade”. Para além de sua trajetória acadêmica, ela atua como pesquisadora na Anis - Instituto de Bioética, sendo associada ao Núcleo de Estudos sobre Deficiência (NED) na UFSC. Além disso, a Dra. Anahi desempenha um papel ativo no Comitê de Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e no GT Estudios Críticos en Discapacidad do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO).



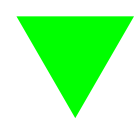
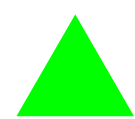
A aula, conduzida pela jornalista esportiva e audio-descritora Bruna Gosling, sobre “Esporte, Acessibilidade e Desenvolvimento Humano”, ecoa nos textos reunidos nesta coletânea. Bruna, com sua vasta experiência na cobertura de eventos esportivos, incluindo Copas do Mundo, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, proporcionou uma perspectiva enriquecedora de quem viu de perto e comunicou as conquistas de atletas brasileiros ao longo de mais de duas décadas de atuação profissional. Essas vivências fazem parte de suas reflexões no artigo “O Papel do Esporte no Desenvolvimento Sócio-Emocional”.

Nos artigos “Atividade Física para Pessoas com Deficiência: Uma Jornada de Bem-Estar e Empoderamento” de Bruno Carra e “O Futebol de Cegos como Potência do Esporte Paralímpico de Alto Rendimento do Brasil”

de Ricardo Alves os autores compartilham suas vivências no universo do “Esporte Paralímpico”. Bruno, um destacado atleta paralímpico no halterofilismo, medalhista em competições internacionais, e Ricardo Steinmetz Alves, conhecido como Ricardinho, um futebolista paralímpico tri-campeão atualmente atuando no clube Agafuc-RS.

Claudio Rubino, gestor cultural, ilustrador e ativista anticapacitista, encerrou o ciclo de aulas, compartilhando suas vastas experiências na interseção de arte, acessibilidade, inclusão e gestão cultural. A sexta aula, “Museu do Futebol e Acessibilidade”, conduzida por Claudio, complementou a visão abrangente e diversificada sobre acessibilidade, esporte, lazer, cultura sob a ótica da luta anticapacitista debatida ao longo do curso e no artigo “Prólogo para as Indústrias Criativas Aleijadas”.

Os textos dos professores compilados nesta coletânea abordam diversos temas e cada professor e sua respectiva aula contribuíram significativamente para a riqueza deste material.



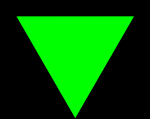
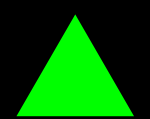
Rafael Astrada orientou a quarta aula sobre “Modalidades de Futebol Adaptado”, contribuindo significativamente para a compreensão do futebol de cegos. O artigo “Futebol de Cegos, História, Regras e Prática” conta detalhes sobre esta prática esportiva. Rafael, educador físico e técnico de Futebol de Cinco da Associação Gaúcha de Futsal, conquistou um notável pentacampeonato brasileiro.

Nossos sete professores, especialistas em suas áreas, nos conduziram a reflexões profundas das dimensões teóricas e práti-

Indo além dos saberes técnicos e legais, nos conduziram para outras dimensões do acesso e da acessibilidade como movimento, processo, criação, experiência estética e de mediação dentro e fora dos espaços da educação

cas da acessibilidade e do esporte. Indo além dos saberes técnicos e legais, nos conduziram para outras dimensões do acesso e da acessibilidade como movimento, processo, criação, experiência estética e de mediação dentro e fora dos espaços da educação. Os textos compilados nesta coletânea oferecem uma variedade de perspectivas e interseções para que nossas práticas não sejam apenas diversas, acessíveis e inclusivas, mas primordialmente ANTI a tudo aquilo que exclui, discrimina, violenta, inferioriza, invisibiliza e aniquila pessoas com deficiência e seus corpos dissidentes, nomeados e lidos socialmente como deficientes. Este convite é uma oportunidade para explorar e apreciar a riqueza deste curso, cientes de que suas reflexões provoquem ressonâncias, por isso mesmo são bem-vindas e fundamentais. Que esta publicação nos conduza em direção a uma cultura e futuro DEF verdadeiramente anticapacitista.

Compartilhe!



Alessandro Tosim

**ACESSIBILIDADE
E ESPORTE: CONCEITOS
E PRÁTICAS PARA
UMA EDUCAÇÃO
ANTICAPACITISTA**



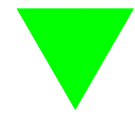
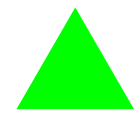
O esporte é um fenômeno universal e se constitui em um patrimônio cultural da humanidade. Foi criado, transmitido e transformado pelo ser humano ao longo dos tempos e praticado com finalidades, sentidos e formas diferenciadas em várias partes do mundo (PAES, 2006; MILISTETD et al. 2015).

Com o decorrer dos anos os esportes estão se modificando, passando por alterações nas regras, nos aspectos físico, técnico e tático, inserindo tecnologias, vinculadas a conhecimentos científicos para melhora da performance esportiva dos atletas. Esse desenvolvimento do esporte possibilita as mais diversas manifestações (lazer, escolar, rendimento), inclusive para a pessoa com deficiência.

A prática esportiva para pessoas com deficiência tem suas origens no final do século XIX e início do século XX, sendo as primeiras práticas executadas de forma isolada (PARSONS; WINCKLER, 2012). Os mesmos autores relatam que as pessoas com deficiência auditiva, em 1924, já apresentavam sua federação (Comitê Internacional de Esportes para Surdos – CISS) e organizavam seus jogos denominados “Deaflympics” ou jogos do silêncio.

Com raízes vinculadas à guerra, o esporte para pessoas com deficiência, ou esporte adaptado, apresenta-se com o viés da reabilitação de soldados lesionados pós Segunda Grande Guerra (SILVA et al., 2008). O mesmo pode trazer diversos benefícios para a pessoa com deficiência como a melhora das suas funções motoras e melhoras funcionais, o que contribui para a inclusão destes indivíduos.

Costa e Silva et al. (2013) relatam que o termo “esporte adaptado” é utilizado apenas no Brasil o qual consiste em uma possibilidade de prática para pessoas com deficiência e que as adaptações realizadas nas regras, fundamentos e estrutura são para permitir a participação deste público no esporte. Em outros idiomas o termo mais comum é “Sport for Persons with a Disability” (Esporte para pessoas com Deficiência). Já o termo esporte Paralímpico designa as modalidades adaptadas que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos (MAUERBERG DE CASTRO, 2005).



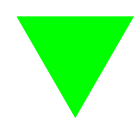
O esporte é uma das melhores formas da pessoa com deficiência mostrar seus potenciais, no entanto, ainda encontramos pessoas com atitudes, comportamentos e palavras capacitistas que não conseguem entender que a pessoa com deficiência apresenta diferenças como todos nós apresentamos.

Souza (2021) relata que a sociedade em que vivemos, o preconceito se apresenta de maneira sorrateira, muitas das vezes com boas intenções, mas com frequência atrelado as pessoas com deficiência. Assim, o capacitismo trata-se de uma terminologia utilizada quando ocorre discriminação ou violência experienciadas por pessoas com deficiência, considerando estas pessoas como incapazes em decorrência da sua situação.

A mesma autora destaca que práticas discriminatórias podem ocorrer voluntariamente, já que a pessoa com deficiência é tratada com sentimento de pena, inferioridade ou até mesmo uma superproteção exacerbada.

A lógica capacitista se configura como uma mentalidade que lê a pessoa com deficiência como não igual, incapaz e inapta tanto para o trabalho quanto para, até mesmo, cuidar da própria vida e tomar as próprias decisões enquanto sujeito autônomo e independente. Tudo isso porque, culturalmente, construiu-se um ideal de corpo funcional tido como normal para a raça humana, do qual, portanto, quem foge é tido, consciente ou inconscientemente, como menos humano (ANDRADE, 2015, p. 3).

Diante disto, as práticas esportivas como o goalball, futebol de cegos e judô paralímpico, dentre outras modalidades praticadas por pessoas com deficiência visual, possibilitam maior autonomia, independência e melhora na orientação e mobilidade, além de proporcionar maior socialização a esta população e, mesmo assim, encontramos palavras capacitistas nas pessoas que prestigiam a vivência das modalidades, não entendendo que ali encontram-se pessoas que estão fazendo sua prática esportiva como todos fazem, com uma diferença, a deficiência visual.

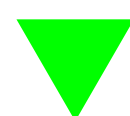


Dentre os diversos esportes para pessoas com deficiência visual, destacamos aqui as três modalidades consideradas paralímpicas: Goalball, o Futebol e o Judô.

O Futebol de Cegos surgiu a partir da prática do futebol, não se sabe ao certo o ano e o local em que as pessoas com deficiência visual iniciaram a sua prática, porém, os primeiros registros ocorreram em meados de 1920, na Espanha. Os estudantes com deficiência visual, de escolas e institutos especializados no atendimento a esse público, praticavam o “futebol” como forma de recreação durante os intervalos. Para aumentar a dinâmica da modalidade, algumas adaptações foram realizadas como: as bolas possuem guizos internos, todos os jogadores devem jogar vendados, o campo possui bandas laterais para evitar saída da bola, o chamador é a pessoa que fica atrás do gol dando orientação para os atletas e o campo possui áreas restritas as pessoas que podem passar instruções aos atletas que são o treinador, o chamador e o goleiro (IBSA, 2019).

O Goalball foi criado em 1946 pelo austríaco Hans Lorenze e o alemão Sett Haindell, com o intuito de reabilitar soldados que sofreram lesões relacionadas ao órgão da visão no período de guerra. Diferente da maioria dos esportes paralímpicos que foram adaptados dos esportes convencionais, o Goalball não sofreu nenhuma adaptação. Configura-se como um jogo esportivo coletivo (JEC) sem invasão territorial disputado entre duas equipes com jogadores que apresentam deficiência visual (TOSIM, 2021).

O Judô foi o primeiro esporte de combate praticado por pessoas com deficiência, inserido no programa dos Jogos Paralímpicos de verão em Seul 1988 com o masculino e em Atenas 2004 com o feminino. No Brasil, começou a ser praticado efetivamente no Instituto Benjamin Constant (IBC) no Rio de Janeiro em 1982 (CBDV, 2017). Relacionado ao combate propriamente dito, a diferencia do judô paralímpico para o judô olímpico é que no primeiro, devido a deficiência visual, o combate é iniciado com os atletas fazendo a pegada no quimono do seu oponente e este contato deve ser permanente.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sidney. Capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?.

Disponível em: <https://medium.com/@sidneyandrade23/capacitismo-o-que%C3%A9-onde-vive-como-se-reproduz-5f68c5fdf73e> . Último acesso em: 15 de novembro de 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DEFICIENTES VISUAIS. Estatuto CBDV, 2020.

Disponível em:

<https://www.dropbox.com/s/mj52ytf7ham9euc/Estatuto%20CBDV%202020.pdf?dl=0>

COSTA E SILVA, A. A. et al., Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. In. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2013, 27(4):679 – 687.

Mauerberg-deCastro E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. In: Mauerberg-deCastro E. Atividade física adaptada. Ribeirão Preto: TecMedd; 2005. p. 437-83.

MLISTETD, M.; MESQUITA, I.; RAMOS, V.; VIEIRA, J. A Aprendizagem Formal de Treinadores Esportivos: Desafios da Formação Inicial. Pensar a Prática, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 982-994, 2015.

PAES, R.R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. Revista Brasileira de Educação Física e esportes, São Paulo, v.20, n.5, p.171, set. 2006. Suplemento. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/48_Anais_p171.pdf

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. Esporte e as pessoas com deficiência – contexto histórico. In: MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. Esporte paralímpico. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.



SCHUMACHER et al. Desenvolvimento do judô paralímpico na extensão universitária: um estudo de caso. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 117-127, jan./jun. 2018. <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/index>

SILVA, R. F.; SEABRA JÚNIOR, L; ARAÚJO, P. F. Educação física adaptada no Brasil: da história à inclusão educacional. São Paulo: Phorte, 2008.

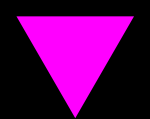
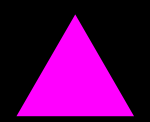
SILVA, R. F.; SEABRA JÚNIOR, L; ARAÚJO, P. F. Educação física adaptada no Brasil: da história à inclusão educacional. São Paulo: Phorte, 2008.

Sousa, Vanessa Castro Alves de. O capacitismo e seus desdobramentos no ambiente escolar. TCC - UFPB. João Pessoa, 2021. 43 f.

TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TOSIM, A. Contextos formativos, conhecimentos e competências de treinadores/as atuando em nível nacional e internacional do esporte paralímpico: um estudo com o goalball. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, 2021.

ALESSANDRO TOSIM é graduado em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (2000), especialização em Atividade Motora Adaptada (2001) e Fisiologia, bioquímica, treinamento e nutrição desportiva pela Universidade Estadual de Campinas -Unicamp (2012), mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba -Unimep (2007) e doutorado em Educação Física na área de Biodinâmica do Movimento e Esporte pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2021). Atualmente é coordenador e professor do Curso de Educação Física do Centro Universitário Padre Anchieta (Unianchieta), além de ex-treinador da seleção brasileira masculina de Goalball com diversos títulos de Jogos Paralímpicos (2012, 2016 e 2020), Campeonatos mundiais (2014 e 2018), Jogos Parapanamericanos (2011, 2015 e 2019) e Copa das Américas (2017 e 2022). Tem experiência na área da pedagogia do esporte, atuando principalmente com atividades motoras e esportivas inclusivas para pessoas com deficiência



Anahí Guedes de Mello²

**“NÃO SOU EXEMPLO
DE SUPERAÇÃO”:
ESPORTES, ORGULHO
E ACOLHIDA DA
DEFICIÊNCIA¹**



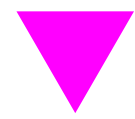
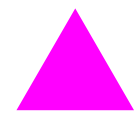
As pessoas com deficiência são um grupo social significativo da população brasileira. Mas falar de deficiência nas escolas, inclusive no contexto das práticas esportivas, é considerado tabu, seja porque é preferível escamoteá-la para não ferir a nossa sensibilidade para o que é ‘normal’, ‘perfeito’, ‘belo’, ‘saudável’ e ‘capaz’, seja porque a fantasia solidarista da caridade vê as pessoas com deficiência como sujeitos passivos ao tratá-las como ‘especiais’. A pessoa com deficiência é o típico “exemplo de superação”: somente porque tem deficiência e, apesar da deficiência, “se” ela consegue fazer ou se “supera” fazendo coisas que pessoas comuns fazem, passa a ser vista como um sujeito extraordinário.

Em setembro de 2004 foi publicado no hoje extinto jornal Diário Catarinense uma reportagem sobre as paraolimpíadas. Como acontece com grande parte da mídia jornalística acrítica em relação aos usos discursivos sobre a deficiência, a matéria em questão deu o tom do ‘lugar-comum’ para os enquadramentos das pessoas com deficiência como ‘exemplos de superação’ nos esportes ao mostrar a história da atleta paraolímpica Roseane dos

Santos, vencedora de duas medalhas de ouro das Paraolimpíadas de 2000, uma em arremesso de peso e outra em lançamento de disco.

Particularmente, a leitura de um pequeno trecho de sua entrevista para o jornalista Mauricio Xavier causa estranhamento, quando a atleta afirma que “A melhor coisa que aconteceu na minha vida foi perder a perna em um acidente”. Para a maioria de nós, a reação a essa afirmação é, provavelmente, de espanto, em que são mobilizados em nós sentimentos com um misto de incredulidade e repugnância. No entanto, como sugere Carolyn Vash, para muitas pessoas com deficiência esse sentimento está relacionado à noção de “acolhida da deficiência” e seu processo de transcendência corporal:

[...] Não era a primeira vez que eu ouvia falar disso. Trinta anos antes, um amigo meu paraplégico, antigo estivador e de pouca instrução, me dissera: “Por nada no mundo eu perderia a chance de ser um desgraçado de paraplégico”. Na época, pensei que ele estava completamente louco.



Levei muitos anos para compreender o que esse homem simples e sábio tinha descoberto em dois anos: que uma deficiência pode ser um aspecto especial da própria pessoa que oferece novas oportunidades para experiência, crescimento, maturação e autorrealização. Eu havia sido totalmente treinado, pelo processo de reabilitação, na ideia de que minha deficiência era o inimigo a ser derrotado, controlado, minimizado, compensado e, sim, negado. Não era nunca, nunca certo gostar de ser o que eu era (entre outras coisas): deficiente. (Vash, 1988, p. XIII)

Nesse sentido, é fácil perceber por que o tema da deficiência gera desconforto a cada ruptura de nossas convenções sociais de apagamento e oferece uma perspectiva disruptiva sobre a nossa própria percepção de corpo, destoando de nossas noções de corpo, porquanto o culto ao corpo 'perfeito', 'belo', 'saudável' e 'capaz' inibe as pessoas com deficiência e constrange a corponormatividade de nossa estrutura social pouco sensível à diversidade corporal. Afinal, o que implica enaltecer uma condição intrinsecamente adversa – a experiência da deficiência – fazendo

dela um motivo de orgulho para as pessoas com deficiência? Que alteridade é esta que faz da deficiência um poderoso artifício de subjetividade? Qual seria o limite entre ser uma pessoa e ter uma deficiência? Qual é lugar da pessoa com deficiência no mundo, ou melhor, como as pessoas com deficiência se colocam no mundo? Prossegue Vash ao dizer que: Nos primeiros tempos do movimento de reabilitação, existia muita conversa sobre a importância de “aceitar-se a deficiência de alguém”. Isso algumas vezes significava a ausência do mecanismo de defesa da “negação”. Outras vezes significava simplesmente reconhecer uma perda sem se sentir péssimo por causa disso. A aceitação era boa. Não se esperava, entretanto, que as pessoas gostassem de suas deficiências; isso era considerado pior que a negação. [...] Isso exigia que a pessoa deficiente soubesse exatamente onde estava a linha demarcatória entre a aceitação e o regozijo, e ficasse eternamente vigilante para não cruzá-la. Aceitação era morder o projétil e sorrir ao mesmo tempo, e com a mesma facilidade. (Vash, 1988, p. XXIV).



De fato, a deficiência é uma categoria que se enquadra dentro de um sistema de classificação e de produção de sujeitos, em que os parâmetros de normalidade são inventados no marco das relações de assimetria e desigualdade entre quem exerce o poder de classificar e quem é classificado. Do mesmo modo, a corporificação da experiência da deficiência, ao subverter o estigma do corpo deficiente, também releva a condição de pessoa, ou seja, a deficiência “é também uma forma de se constituir como um determinado tipo de sujeito – nesse caso é o corpo, ou mais especificamente uma determinada corporalidade, que constrói uma determinada pessoa.” (Maluf, 2001, p. 96).

Isso significa dizer que a deficiência faz parte do rol dos entrelugares que “fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – de que decorrem novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (Bhabha, 1998, p. 20). Sempre inesperada, a deficiência é a demonstração de que a subjetividade nunca é aquele lugar ideal, seguro e estável.

A deficiência é também uma forma de opressão que opera com outros marcadores sociais da diferença, como o gênero, a classe, a raça/etnia, a sexualidade, a nacionalidade, geração, dentre outros. Por isso, a deficiência deixou de ser uma “questão médica” (“modelo médico da deficiência”) para também ser uma “questão sociocultural”, de direitos humanos (“modelo social da deficiência”). Do ponto de vista do modelo social, o referencial da deficiência não é o da perda ou ausência de um atributo corporal, mas a relação entre um corpo com determinados impedimentos corporais e um ambiente incapaz de lhe prover acessibilidade. Por isso, a deficiência não está no indivíduo, mas na sociedade incapaz de prever a diversidade corporal/funcional.

Como a doença ou a morte, a deficiência também é uma forma singular e elementar de acontecimento que aparece na vida de todos nós. Por fazer parte do ciclo de vida, a deficiência se confunde com a velhice de todos os animais humanos e não humanos. E justamente por sermos todos e todas potencialmente deficientes um dia, faz-se necessário discutirmos também no espaço escolar a singularidade de se ser uma pessoa com deficiência.



Em relação ao 'mundo desportivo', vale destacar que nas Olimpíadas de Londres, em 2012, Oscar Pistorius, outrora reconhecido como atleta paralímpico, fez história ao se tornar o primeiro atleta com deficiência –ele é bi amputado– a competir em uma Olimpíada, tendo chegado a uma semifinal. Não venceu, mas é certo que ele fez escola com a inclusão como eu a entendo que deve(ria) ser em todos os espaços da vida ordinária das pessoas com deficiência. No caso de Pistorius, a 'inclusão desportiva' foi no atletismo. Arrisco dizer que as paraolimpíadas não são espaços de inclusão desportiva.

Se defendemos a inclusão das pessoas com deficiência nas escolas comuns com base nas evidências científicas que mostram os benefícios da convivência com todas as diferenças dentro dos espaços das salas de aula, por que não temos as mesmas convicções em relação à defesa da inclusão das pessoas com deficiência nos esportes? Pensemos nas aulas de educação física, de como corpos deficias são poupados e convidados a se retirarem, ou segregados e hierarquizados para as atividades desportivas em que sejam minimamente 'capazes' de fazerem, como jogar xadrez, ou fazer um trabalho escrito. Eu entendo que atletas deficias podem e devem ser partícipes mútuos das Olimpíadas na mesma temporalidade do evento, da mesma maneira que cada modalidade esportiva olímpica é dividida em feminina e masculina. Por que não fazê-lo assim, para que todas as formas de corpo deficias possam ser e estar no mundo dos esportes?

Eu entendo que atletas deficias podem e devem ser partícipes mútuos das Olimpíadas na mesma temporalidade do evento, da mesma maneira que cada modalidade esportiva olímpica é dividida em feminina e masculina



REFERÊNCIAS

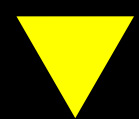
BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MALUF, Sônia W. Corpo e Corporalidade nas Culturas Contemporâneas: abordagens antropológicas. In: Dossiê Corpo e História. Revista Esboços, v. 9, n. 9, 2001, p. 87-101.

VASH, Carolyn L. Enfrentando a Deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação. São Paulo: Pioneira; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

¹ Uma versão mais resumida deste texto, com ligeira modificação do título, foi publicada em 2022 no caderno “Esporte e Diversidade”, organizado pelo SESC São Paulo e disponível em <https://indd.adobe.com/view/de023fcb-5609-442c-90c4-cc6f47edc1d1>. Acesso em: 02 dez. 2023.

²**ANAHÍ GUEDES DE MELLO** é antropóloga, doutora em Antropologia Social pela UFSC. Também é pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética e do Núcleo de Estudos sobre Deficiência da UFSC, membra do Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e do GT Estudos Críticos em Discapacidade do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Atualmente cursa uma segunda graduação, em Museologia pela UFSC. Seus interesses de pesquisa são em (auto)etnografias, com temáticas na interface entre antropologia feminista, antropologia da percepção e dos sentidos, estudos críticos da deficiência e os estudos queer e crip. Suas principais publicações versam sobre os seguintes temas: gênero, sexualidades e deficiência; deficiência e políticas públicas; violências contra mulheres com deficiência; capacitismo; teoria crip; surdez e trabalho de campo; acesso à comunicação; acessibilidade cultural; e deficiência e acessibilidade em museus.



Bruna Gosling

O PAPEL DO ESPORTE NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL



Foi com um largo sorriso no rosto e zilhões de questionamentos na mente que recebi o convite do Museu do Futebol para compartilhar minhas experiências na cobertura do esporte paralímpico com os alunos do curso “Acessibilidade e Esporte: conceitos e práticas para uma educação anticapacitista”. Enaltecer o esporte paralímpico é algo que me enche de alegria e o faço com prazer, no entanto não sou professora e, portanto, não tenho a pretensão de oferecer um olhar acadêmico. Trago a vivência de uma jornalista que abraçou o movimento paralímpico com um olhar sensível, contribuiu para dar voz aos atletas, aprendeu com eles, testemunhou a transformação da mídia em busca de uma postura mais inclusiva, respeitosa e atenta às especificidades do que é o esporte de alto rendimento para PCDs, combateu o capacitismo estrutural por de trás e à frente das câmeras e, após vinte anos de profissão, continua estudando para se comunicar melhor, sensibilizar e transformar o mundo ao redor.

Na aula intitulada “O papel do esporte no desenvolvimento sócio-emocional”, vamos iniciar o debate com frases de atletas renomados mundialmente que, desde

a infância, superaram diversos desafios e não desistiram de seus sonhos. Barreiras que são ainda maiores quando se fala em atletas com algum tipo de deficiência, seja ela física, motora, visual, intelectual... Faremos uma apresentação sobre o Esporte Paralímpico, transitando entre história, conquistas, números e relembrando curiosidades de coberturas jornalísticas desde o meu primeiro estágio na TV Educativa, onde cheguei em 2000, exatamente durante os Jogos Paralímpicos de Sydney, até os Jogos Rio 2016, quando o Brasil recebeu o evento e eu pude cobrir a despedida do nadador Clodoaldo Silva. O esporte paralímpico brasileiro é uma potência mundial, ocupa o Top 10 do quadro de medalhas dos Jogos Paralímpicos de Verão desde a edição de Pequim, em 2008. Em Tóquio 2020, foram 72 medalhas, sendo 22 de ouro, assegurando a 7ª posição geral. A respeito deste tópico, lançaremos um Quiz para testar o conhecimento dos alunos. Serão exibidos alguns vídeos que, não só exaltam os atletas, como promovem uma reflexão sobre seus corpos, limites e habilidades. O documentário “Rising Phoenix”, disponível na Netflix e traduzido no Brasil como Pódio para



Todos, traz a discussão sobre tratar ou não os atletas paralímpicos como Super Heróis. Da mesma forma, o clipe de divulgação do canal britânico Channel 4 para a edição da Rio 2016, chamado “We’re the Superhumans”, intercala imagens de diversas pessoas com deficiências em variadas situações, como os músicos de uma banda, atletas competindo ou executando tarefas do dia a dia com suas famílias, enfim, uma verdadeira aula sobre anticapacitismo. Assim como o vídeo do Manifesto Paralímpico lançado pelo CPB em 2020, que nos pergunta:

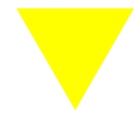
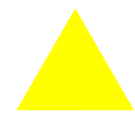
**“Por quê nos olham diferente?
Por quê duvidam das nossas capacidades?”.**

Como base teórica para sustentar o debate, destacaremos trechos de um ensaio publicado na Revista Movimento, revista de Educação Física da UFRGS, com o tema: “O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista - dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade.” O ensaio evidencia como é errônea a associação com estereótipos que a mídia cos-

tuma adotar para atrair mais audiência, desumanizando a experiência da pessoa com deficiência, taxando o atleta como Coitadinho, Herói, Doente ou Anjo - e aí cabe lembrar a tragédia do velocista sul-africano multimedalhista Oscar Pistorius, que foi preso acusado de matar a namorada e mostrou que, de anjo, não tinha nada!

“Neste contexto, acredita-se que a maior divulgação do esporte para pessoas com deficiência na mídia tem trazido à tona uma situação de certa forma paradoxal. Se, por um lado, a crescente disseminação de informações pela mídia contribui para a superação de percepções estigmatizadas em relação às pessoas com deficiência, por outro, profissionais de comunicação mal preparados, ao veicularem suas notícias, em muitos casos reforçam os estereótipos nocivos relacionados a esta população já mencionados anteriormente.”

Durante os últimos anos, o CPB distribuiu para os jornalistas escalados para cobrir as principais competições um media guide com informações sobre os atletas. Mostraremos o do Rio 2016, onde uma página é dedicada a orientar os jornalistas sobre como se dirigir aos atletas com uma postura que não seja capacitista.



“O desenvolvimento do paradesporto tem urgência em apoiar-se em concepções sobre a deficiência que desconstruam a normatização dos corpos e concebam o esporte como direito humano.”

E por falar em direito, é sempre bom destacar o Capítulo IX da Lei Brasileira de Inclusão - Do Direito à Cultura, ao Esporte, ao Turismo e ao Lazer - que diz, no Artigo 42: “A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso” e no Artigo 43 “III – assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais pessoas”. Ao discutir o conceito de Equidade, vamos mostrar uma reportagem da Abertura da Rio 2016 onde um grupo de crianças teve uma experiência inédita no gramado do Maracanã e a menina Brenda, ao ser entrevistada, disse:

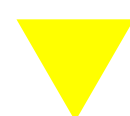
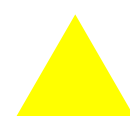
“Eu me senti viva... como nunca antes havia sentido”

A partir de então, abordaremos a importância do apoio emocional, do estímulo precoce, como nos textos de Rani e Shanti que leremos juntos. Falar do apoio sobretudo para as crianças, seja dos pais, familiares, profissionais da educação e todos que possam de alguma forma munir esta criança com ferramentas de motivação. Debater o esporte como um aliado para a socialização, autoestima, bem-estar, principalmente num cenário de pós pandemia com tantas crianças ainda abaladas, com diagnósticos inconclusivos, dificuldades de relacionamento, aceitação dos corpos, bullying, etc. Através de cenas do filme “Divertidamente”, vamos conversar sobre as emoções e como ajudar as crianças, atletas ou não, a se expressarem e distinguirem sentimentos como raiva, euforia, ansiedade, frustração, todos muito recorrentes no meio esportivo. Entender os benefícios desse autocohecimento e do autocuidado é fundamental para todas as idades, como veremos em trechos do programa Sportv Repórter “A vida começa aos 60”.

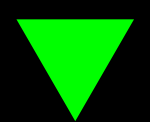


Propor atividades lúdicas que dialoguem com os sentimentos é um desafio ótimo para os educadores que gostam de pensar fora da caixinha! Como jornalista, que sempre buscou esse olhar diferenciado para as histórias e personagens que cruzaram meu caminho, fui muito feliz ao me aprofundar em temas distantes do dia a dia de uma redação de um canal de esportes, que respira esporte 24 horas por dia, e pude realizar programas sobre a atividade física para soropositivos e sobre o universo da adoção, por exemplo, chamados “Esporte Positivo” e “O Filho do Coração”. Exibiremos trechos desses programas para motivar os alunos a buscarem essa inquietação, essa criatividade. Foi com essa vontade de seguir me comunicando, sensibilizando e contribuindo, de alguma forma, por um mundo melhor e mais inclusivo, que descobri a Audiodescrição, um recurso de acessibilidade comunicacional, voltado para pessoas com deficiência visual, e que também atende às necessidades de pessoas com dislexia, idosos e pessoas com deficiência intelectual. Vamos fazer um Quiz para testar o conhecimento dos alunos e, para finalizar, exibir um vídeo chamado “Mude suas palavras. Mude seu mundo” que traz essa temática e, certamente, deixará uma mensagem de esperança, empatia e solidariedade.

Debater o esporte como um aliado para a socialização, autoestima, bem-estar, principalmente num cenário de pós pandemia com tantas crianças ainda abaladas, com diagnósticos inconclusivos, dificuldades de relacionamento, aceitação dos corpos, bullying, etc.



BRUNA GOSLING é jornalista esportiva e audiodescritora com experiência em telejornalismo esportivo, reportagens, cobertura de grandes eventos nacionais e internacionais, produção e elaboração de pautas, apresentação e transmissões ao vivo. Produtora e Editora Executiva de 2018 a 2019 - edição, produção e redação de reportagens para todas as plataformas de Esporte do Grupo Globo. Repórter de 2008 a 2017 – matérias para os principais telejornais e programas do canal, transmissões ao vivo de diversas modalidades esportivas, cobertura das seguintes competições: Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio, Brasil 2016; Copa do Mundo de Futebol, Brasil 2014; Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres, Inglaterra 2012; Jogos Parapan-americanos de Guadalajara, México 2011; Pré-olímpico das Américas de Basquete Feminino, Colômbia 2011; Copa do Mundo Feminina de Futebol, Alemanha 2011; Mundialito de Futebol Infantil do Algarve, Portugal 2011; Copa do Mundo de Judô, Etapa RJ, 2011; Circuito Mundial de Maratona Aquática, final, Emirados Árabes 2010; Campeonato Mundial de Basquete Feminino, República Tcheca 2010; Liga Mundial de Vôlei, Etapa do Brasil, 2010; Campeonato Mundial de Judô Paralímpico em Antalya, Turquia 2010; Universíade de Belgrado, Sérvia 2009; Jogos Paralímpicos de Pequim, China 2008; Copa do Mundo Paralímpica de Manchester, Inglaterra 2008; Transmissão de jogos do Campeonato Brasileiro, Campeonatos Estaduais, Copa do Brasil, Copa Sul-americana, Taça Libertadores da América, além de variadas modalidades olímpicas (2008 a 2017).



Bruno Carra

**ATIVIDADE FÍSICA
PARA PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA: UMA
JORNADA DE BEM-ESTAR
E EMPODERAMENTO**



A prática regular de atividade física é amplamente reconhecida por seus inúmeros benefícios à saúde, tanto física quanto mental. No entanto, quando se trata de pessoas com deficiência física, a importância dessa prática assume uma dimensão ainda mais significativa. Este texto explora os benefícios cruciais da atividade física adaptada, destacando como ela pode transformar a vida de indivíduos com deficiência.

1. Melhora da Saúde Física:

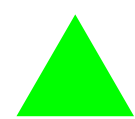
A atividade física adaptada desempenha um papel vital na melhoria da saúde física de pessoas com deficiência. Ao engajar-se em exercícios específicos, como a fisioterapia adaptada, essas pessoas podem fortalecer músculos, melhorar a coordenação motora e desenvolver resistência, contribuindo para uma qualidade de vida aprimorada.

2. Desenvolvimento da Independência:

A prática regular de atividade física proporciona às pessoas com deficiência uma maior autonomia e independência. Ao focar em exercícios que visam fortalecer habilidades específicas, como o equilíbrio e a mobilidade, indivíduos com deficiência podem ganhar confiança para realizar tarefas diárias, promovendo um senso de realização e autoestima.

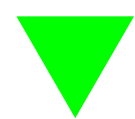
3. Benefícios Psicológicos:

A atividade física não apenas impacta o corpo, mas também desempenha um papel fundamental na saúde mental. Para pessoas com deficiência, a prática regular de exercícios pode reduzir o estresse, combater a ansiedade e melhorar o humor. Além disso, a interação social que muitas atividades físicas proporcionam contribui para o desenvolvimento de conexões significativas e redes de apoio.



4. Inclusão Social:

A participação em atividades físicas adaptadas cria oportunidades valiosas para a inclusão social. Clubes esportivos adaptados, eventos e programas específicos oferecem ambientes acolhedores, onde as pessoas com deficiência podem se envolver ativamente, promovendo a compreensão, a empatia e quebrando barreiras sociais.



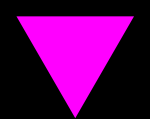
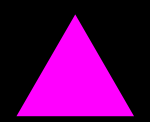
5. Prevenção de Doenças Secundárias:

Pessoas com deficiência muitas vezes enfrentam riscos elevados de desenvolver doenças secundárias devido à falta de mobilidade e atividade física limitada. A prática regular de exercícios adaptados ajuda a prevenir complicações como a atrofia muscular, melhorando a circulação sanguínea e fortalecendo o sistema imunológico.

Conclusão:

Em resumo, a atividade física adaptada desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e bem-estar de pessoas com deficiência física. Além de melhorar a saúde física, ela contribui para o desenvolvimento emocional, a inclusão social e a prevenção de complicações relacionadas à condição. Ao oferecer oportunidades de participação ativa, a atividade física para pessoas com deficiência não apenas fortalece seus corpos, mas também empodera suas mentes, promovendo uma vida plena e integrada.

BRUNO CARRA tem nanismo e em 2009 conheceu o halterofilismo. Principais conquistas: Prata na etapa da Copa do Mundo de Dubai; Prata na etapa de Tbilisi da Copa do Mundo 2021; prata na Copa do Mundo da Nigéria em 2020; ouro nos Jogos Parapan-Americanos Lima 2019; prata por equipe no Mundial da modalidade no Cazaquistão em 2019; quarto lugar nos Jogos Paralímpicos Rio 2016; prata nos Jogos Parapan-Americanos Toronto 2015 e Guadalajara 2011.



Claudio Rubino

**PRÓLOGO PARA AS
INDÚSTRIAS
CRIATIVAS
ALEIJADAS**



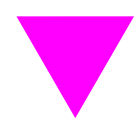
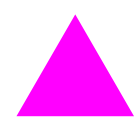
Muitas terminologias, modelos, normas, cartilhas ou contracartilhas, tratados e convenções internacionais, leis, etc. orbitam os embasamentos e práticas que subsidiam os direitos de acesso das pessoas com deficiência aos bens culturais e esportivos, como público e como profissionais atuantes. Todavia, para aplicações adequadas, eficientes e permanentes é urgente entender esses e outros princípios básicos relacionados às dissidências para aprofundamentos e efetivação da acessibilidade e anticapacitismo na prática.

Esporte, cultura, educação, saúde e lazer possuem relações indissociáveis e, não por acaso, quase sempre são mencionadas sequencialmente em formulações de políticas públicas, bem como na Declaração dos Direitos Humanos, na Lei Brasileira de Inclusão e outros documentos.

A acessibilidade de uma forma geral está em mais pautas de discussão e diferentes setores em comparação há uma década, mas ainda que implicadas por garantias jurídicas, embasamentos teóricos e reconhecimento do poder público e instituições privadas, a efetividade prática não corresponde. Por quê?

Independente das características que nos constituem enquanto sociedade, com toda a pluralidade e diversidade ainda somos compulsoriamente hegemônicos em nossas relações pessoais e profissionais, reflexo de estruturas capacitistas que estamos submetidos.

E quem é parte dessa diversidade de pessoas com deficiência? De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (2015) e segundo o modelo biomédico da deficiência: “Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Estudos da OMS apontam que cerca de uma em cada dez pessoas no mundo é pessoa com deficiência. Esse índice pode chegar em breve a 20% da população mundial, considerando alterações climáticas, guerras e aumento da desigualdade social. No Brasil são cerca de 18,6 milhões de pessoas com deficiência, correspondendo a quase 9% da população (PNAD, 2022).



Pessoas com deficiência têm potencial de articulação de força coletiva global para reivindicações de participação, logo, a pergunta central para nossos exercícios em museus: por que a atuação profissional de pessoas com deficiência nos espaços de cultura institucionalizada é pouco mensurada e praticada como fator preponderante de diversidade?

Somando à essa reflexão, de acordo com estimativas fornecidas pela OIT, as perdas econômicas relacionadas à exclusão de pessoas com deficiência da força de trabalho são grandes e mensuráveis, variando entre 3% e 7% do PIB (ILO, 2009). Dados de vulnerabilidade também impactam nas ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) criado pela ONU, em particular a ODS 8.5.2 - Trabalho Decente e Crescimento Econômico - fundamentais nos subsídios para sistematizar ações profissionais mais efetivas nos equipamentos culturais, a fim de construção de capital intelectual e criativo com a atuação direta de pessoas com deficiência.

O Ministério da Cultura aponta que no Brasil a economia criativa é responsável por 3,11% do PIB e emprega cerca de 7,5 milhões de pessoas nas mais de 130 mil empresas formalizadas. Quantas dessas pessoas são def's (pessoas com deficiência)? Não há estimativa.

A pergunta central para nossos exercícios em museus: por que a atuação profissional de pessoas com deficiência nos espaços de cultura institucionalizada é pouco mensurada e praticada como fator preponderante de diversidade?

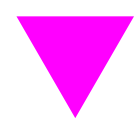
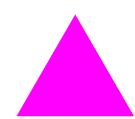


Nesse sentido, o que estamos fazendo para mudar o cenário excludente (e muitas vezes violento) para nós, pessoas com deficiência nesses setores? Pensando nos museus como um dos segmentos da economia criativa (MILAN, 2022) podemos compreender esses equipamentos sistematicamente como parte fundamental da cadeia produtiva que abrange diversos setores do desenvolvimento social. Através dos diálogos e práticas abrangentes nos Museus e equipamentos de cultura institucionalizada, podemos identificar procedimentos complexos e multidimensionais que implicam em criatividade e inovação. São veículos valorosos de uma perspectiva econômica que tem por base padrões que mudam constantemente e podem nos submeter a fluxos capitalistas, capacitistas e que não nos cabem em nossos tempos e características defs na cultura, esporte e lazer.

Aproximar falas e movimentos dos corpos excluídos para pensar em pedagogias do corpo que nos levem a outras práticas de empoderamento e afetos. Pensar o corpo def como o que tem seus desejos, quer vivê-los e experimentar sua humanidade como qualquer outro.

Perceber a existência corpo-def-negro-trans e a soma de suas dissidências, agregar práticas que se baseiem numa diversidade em que a acessibilidade forma parte desse escopo: o direito ao gênero, o direito à sexualidade, ao sexo, ao desejo. Imaginar outras narrativas contadas por nós mesmos numa poética coxa e manca que se veja aleijada e aleije o modo de criação normativo que nos capturou tanto (LIMA, 2022 pág. 145).

Para fomentar a cooperação e a criação de ambientes diversificados nos espaços culturais envolvendo os outros setores mencionados no início do texto, me pauto em uma prática e pesquisa pessoal que, por enquanto, nomeio como Ciclo Participativo, com potencial para geração de pensamento crítico, realizações e desenvolvimento econômico nos setores culturais. A estrutura do ciclo tem a Acessibilidade como ponto de convergência expandida para nós, defs e todas as interseccionalidades que nos atravessam em questões de identidade de gênero, raça, orientações sexuais e outros marcadores sociais. No Ciclo Participativo orbitam as necessidades fundamentais do acesso e do anticapacitismo (não há uma ordem):



Pesquisa / Formação: estudo é fundamental e buscar por referenciais sobre a deficiência na perspectiva ética, histórica, jurídica, acadêmica e todas as formas de práticas/científicas sistematizando processos em comunhão com outras investigações relacionadas ao racismo, LGB-T+fobias, misoginia, xenofobia, e outras discriminações;

Investimento: como qualquer pesquisa, ciência e práticas não há como ter desenvolvimento sem disponibilidade de recursos financeiros;

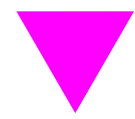
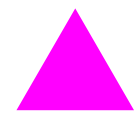
Experimentação: ter disponibilidade para fazer de outra forma, de modo não hegemônico, práticas aleijadas que partem de diferentes corpos, formas de se relacionar e comunicar;

Colaboração / Interdependência: ninguém faz nada sozinho, nenhum setor é independente seja em uma escola, empresa, setores públicos e privados - diferentes áreas e saberes individuais e coletivos se complementam;

Representatividade / Protagonismo: Nada sobre nós, sem nós! A atuação direta de nós, def, nas produções, projetos e ações é imprescindível desde a concepção e não apenas como convidado especial, consultor ou como público passivo. Pessoas sem deficiência são fundamentais como aliadas, mas sem tomar o nosso lugar;

Fruição: tudo precisa de tempo para se experimentar, deixar rolar, observar, vivenciar, frequentar, presença como corpos políticos, imergir em práticas, diversão e aprender com o fazer;

Compartilhamento de riscos: a acessibilidade não precisa ficar apenas no cercadinho das pessoas def. Diferentes setores em um museu, escola ou projeto de qualquer ordem podem compartilhar orçamento, tempo e metodologias para subsidiar práticas anticapacitistas garantindo assim a execução dos mesmos, sem ter a ameaça de ser o primeiro corte diante das limitações de tempo e recursos financeiros, o que significa confluência de estratégias e esforços para produtos e serviços complexos.



Esse recorte de pesquisa está em processo constante. Podemos elencar diversos pontos de convergências e atenção aos processos coletivos, participativos e das diversidades como elementos de importância substancial para a fermentação e desenvolvimento das políticas culturais e, conseqüentemente, da economia criativa que pode ser ressignificada ao considerar diferentes processos e tempos de criação, experimentação e produção não hegemônicos.

Por meio das expressões simbólicas que constituem, as relações entre pessoas com e sem deficiência, instituições de cultura, esporte, lazer e educação potencialmente tecem subsídios para ações mais efetivas nas práticas de educação e artes ao reverberar mais ações afirmativas, geração de renda e bem-estar social, quando intrínsecas aos diversos setores sociais.

Como nos lembra o historiador Yuval Harari, a primeira grande revolução humana foi cognitiva. Assim, é a capacidade de criar expressões simbólicas do universo que lhe cerca que confere ao ser humano a diferença marcante diante dos demais seres vivos. Somos seres biológicos, morais e criativos. Historicamente, tal força criativa se expressa nas

artes, nas inovações técnicas, no comércio e na produção, na criação de instituições religiosas e políticas, enfim, na capacidade de moldar os elementos da natureza de modo a construir soluções para os dilemas da sobrevivência física e espiritual. (CUNHA, 2020 pág. 245)

Reforço aqui que o alargamento dos processos de acessibilidade se faz necessário não apenas na participação como espectador passivo das ações desenvolvidas como museus, centros de memórias, institutos e congêneres, mas como agente ativo, criador, gestor, proponente, artista e colaborador direto no desenvolvimento dessas ações.

E de que adianta pensar a acessibilidade se você, pessoa com ou sem deficiência não vive entre a diversidade? As pessoas que você se relaciona são defas? No seu trabalho e ciclo de amizades próximas têm pessoas cegas, surdas, amputadas, neurodiversas e outras? O que você chama de diversidade considera corpos, formas de se relacionar e comunicar não normativas, tortas, aleijadas e dissidentes? Se não, não é diversidade. De tal forma, incluir é ultrapassado, acessibilizar não é suficiente. Todas, todos e todes devemos ser anticapacitistas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

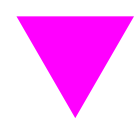
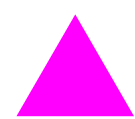
Brasil. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União 2015; 7 jul.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

CUNHA, André M. Economia Brasileira Contemporânea: O Papel das Políticas Culturais. Cap.06 - págs. 239 a 313. UFRGS. 2020.

LIMA, João Paulo de Oliveira. Por uma escrita aleijada. O Futuro é DEF ou O Direito ao Corpo. In: BARBALHO ; GADELHA, E. (Org.) . Formação artística e políticas públicas: temas e abordagens contemporâneas.. 1. ed. Fortaleza: UECE, 2022. v. 1. 149p. a 157p.

Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2023/01/Forma%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-temas-e-abordagens-contempor%C3%A2neas.pdf>



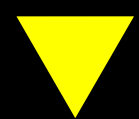
MELLO, A.G. Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: Do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, 2012

Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/deficiencia-incapacidade-e-vulnerabilidade-do-capacitismo-ou-a-preeminencia-capacitista-e-biomedica-do-comite-de-etica-em-pesquisa-da-ufsc/16546?id=16546>

MILAN, M. MÖLLER, G. WOBERTO, D. (Org.) Introdução à Economia para atividades Culturais e Criativas. Porto Alegre: UFRGS/FCE; Itaú Cultural, 2022.

BUCKUP, Sebastian. Employment Working Paper No. 43. The price of exclusion: the economic consequences of excluding people with disabilities from the world of work. International Labour Organization, 2009.

CLAUDIO RUBINO é gestor cultural e ilustrador. Pessoa com deficiência atuante na luta anticapacitista e acessibilidade na cultura. Bacharel e Licenciado em Educação Artística (Faculdade de Belas Artes de São Paulo), extensão em Semiótica nas Artes (PUC-SP COGEAE), pós-graduado em Educação Inclusiva com ênfase em Deficiências Múltiplas (UNIFESP). Especialista em Gestão Cultural Contemporânea (Itaú Cultural / Instituto Singularidades) e Gestão de Design da Moda (SENAI). Mestrando (pausado) em Economia Criativa e da Cultura (UFRGS). Membro do Comitê Diversidade e Inclusão do IDBrasil (Museu da Língua Portuguesa e Museu do Futebol), mentor de artistas com deficiência do programa Entre Arte e Acesso edição 2023 do Itaú Cultural. Também atuou na implementação do Marco Referencial Arte Educação do Sesc (2020-2021). Coordenador de acessibilidade no Instituto Tomie Ohtake e consultor para cultura DEF entre diversas organizações culturais.



Rafael Astrada De Dorneles

**FUTEBOL
DE CEGOS,
HISTÓRIA, REGRAS E PRÁTICA**



1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, gostaria de agradecer o convite do Museu do Futebol para realizar essa palestra e ter a oportunidade de compartilhar um pouco da minha experiência com o Futebol de Cegos para os alunos do curso “Acessibilidade e Esporte: conceitos e práticas para uma educação anticapacitista”.

O Futebol de cegos entrou na minha vida através da vontade em fazer meu trabalho de conclusão sobre Futsal, pois me identificava e praticava este esporte.

Me chamo Rafael Astrada de Dorneles, sou graduado em Educação Física Plena (Bacharelado/Licenciatura), pelo Centro Metodista do Sul – IPA em 2007. O Futebol de cegos entrou na minha vida através da vontade em fazer meu trabalho de conclusão sobre Futsal, pois me identificava e praticava este esporte. Não sei ao certo como surgiu a ideia de realizar meu TCC unindo minha paixão pelo futsal com futebol de cegos, mas esse esporte prontamente ganhou meu coração. Buscando mais informações sobre o assunto, encontrei na minha cidade uma equipe que ano anterior (2005) tinha sido campeã brasileira e contava com um atleta revelação, hoje considerado o melhor jogador da história, Ricardinho Alves. Também, tive o privilégio de ter meu trabalho orientado por uma professora com vasta experiência esportiva para pessoas com deficiência visual.

Comecei apenas acompanhando os treinamentos desta equipe para elaboração da minha pesquisa, até que no final de 2006 fui convidado para assumir como treinador da equipe. Hoje, sou treinador de outro time, a AGAFUC, onde junto com alguns atletas ajudei a fundar. Já conquistamos diversos títulos importantes, somos uma equipe referência no Brasil. Hoje, tenho uma experiência de 17 anos com essa modalidade e venho, por meio desta, compartilhar um pouco dessa vivência.



2 HISTÓRIA

Os primeiros registros do futebol de cegos se dão na década de 50, relatos apontam que pessoas com deficiência visual colocavam bolas em sacos plásticos para escutarem a bola, uma prática que até hoje é usada. Durante esses anos mudou muito a forma de praticar o futebol de cegos, travessas foram aumentadas, bolas ganharam “guizos”, foi limitada a área do goleiro e bandas laterais foram colocadas para evitar que a bola saia.

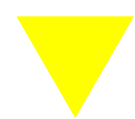
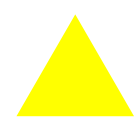
A seleção brasileira é um grande destaque mundial, ganhou todos os ouros da história do futebol de cegos em Paralimpíadas, começando em Atenas em 2004. Também, chegou a ficar invicta por mais de 10 anos, hoje dispõe dos melhores jogadores do mundo em seu time.

3 REGRAS

É uma modalidade exclusiva para deficientes visuais com classificação B1, que indica que o jogador é cego total, mesmo assim, todos devem utilizar uma venda (máscara) para que nenhum jogador fique em desvantagem, tendo em vista que alguns atletas possuem algum resíduo visual. Já o goleiro tem visão total. Cada time possui cinco jogadores, sendo quatro na linha e um no gol.

O futebol de cegos hoje é jogado em quadras oficiais de 40m x 20m tanto em quadra de futsal como em grama sintética. Para auxiliar os atletas nas estratégias e a se localizarem no campo, há três pessoas que podem se comunicar com os atletas em suas respectivas áreas:

- **Terço de defesa:** a orientação é de responsabilidade do goleiro;
- **Terço central:** o técnico é o responsável por orientar os jogadores;
- **Terço de ataque:** a orientação fica a cargo do chamador.

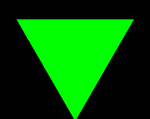
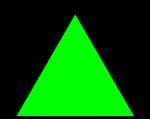


Diferentemente de um jogo de futebol convencional, as partidas de futebol de cegos são silenciosas, em locais sem eco, pois a bola possui guizos, para que os atletas consigam localizá-la pelo som. A torcida só pode se manifestar na hora do gol. A duração da partida é de dois tempos de 15 minutos cronometrados e um intervalo de dez minutos.

Os jogadores são obrigados a falar a palavra espanhola “voy” (“vou” em português), sempre que se deslocarem em direção a bola, na tentativa de se evitar choques. Quando o juiz não ouvir, ele marca falta contra a equipe cujo jogador não falou.

RAFAEL ASTRADA DE DORNELES

Formado em Educação Física Plena em 2007 pelo Centro Metodista IPA – Porto Alegre. Atuo no Futebol de Cegos desde dezembro de 2006. Atualmente sou treinador da Associação Gaúcha de Futsal para Cegos (AGAFUC), onde conquistei 6 títulos do Campeonato Brasileiro, 4 Super Copa do Brasil e 8 regionais Sul/Sudeste.



Ricardo Alves

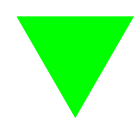
**O FUTEBOL DE CEGOS
COMO POTÊNCIA DO
ESPORTE PARALÍMPICO
DE ALTO RENDIMENTO
DO BRASIL**



É sempre gratificante compartilhar minha história com o público e, já há alguns anos, essa prática virou rotina graças aos convites que recebo para dar palestras às mais diversas plateias deste país. Isso, claro, quando não estou treinando ou competindo, afinal, estar em quadra é minha prioridade, sem dúvidas, meu maior prazer! Receber o convite do Museu do Futebol para contar minha trajetória de atleta de alto rendimento, enquanto pessoa com deficiência visual, e dividir meu conhecimento sobre o Futebol de Cegos, as conquistas pessoais e da seleção brasileira, e, ainda por cima, saber que esta palestra fará parte do programa de um curso sobre Acessibilidade e Esporte, voltado para profissionais da área da educação, com o recurso da audiodescrição simultânea, foi realmente algo que me tocou num lugar muito especial e, portanto, aceitei de pronto.

Eu pretendo iniciar a conversa me apresentando, seguindo uma linha cronológica que contemple minhas origens, minhas paixões de infância e o surgimento da deficiência, afinal, eu nasci vidente. Sou conhecido como

Ricardinho e meu nome completo é Ricardo Steinmetz Alves. Nasci no dia 15 de dezembro de 1988, no município de Osório, Rio Grande do Sul. Desde pequeno, já era apaixonado por futebol e o tetracampeonato da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994 só reforçou o sonho de me tornar um jogador profissional. Mas, àquela altura, eu tinha 6 anos de idade e já sabia que algo não ia muito bem com a minha visão. Tentava esconder dos meus pais, me feria trombando em objetos dentro de casa, ficava muito chateado, até que eles começaram a perceber que eu não estava enxergando direito. Aos 8 anos, foi diagnosticado o descolamento de retina. Minha família tentou inúmeras cirurgias corretivas, mas todas sem sucesso. Os amigos, meus parceiros de bola, foram se afastando, o que me deixou muito triste e solitário. Até que, um dia, um primo meu me levou uma bola dentro de uma sacola de supermercado, uma sacola de papel mesmo. E foi então que eu comecei a desenvolver a habilidade de perseguir a bola, foi meu primeiro contato com o chamado “guizo”, só que improvisado, claro! Deu tão certo que a vizinhança toda

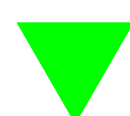


começou a me presentear com sacolas, acabaram com o estoque de sacolas de supermercado na cidade! Foi bem marcante essa sacada que meu primo teve! Nos dias chuvosos, a turma se reunia pra jogar videogame, mas como eu não enxergava, ficava em casa treinando com a bola ensacada, jogando sozinho com a parede, né!

Meus pais, então, decidiram sair de Osório em busca de mais recursos, mais ajuda na minha educação, algum lugar onde eu também pudesse socializar mais. Nós nos mudamos para Porto Alegre e eu fui matriculado no Colégio Santa Luzia, que tinha o método Braille de ensino. Claro que foi difícil no começo, eu sofria muito bullying, sempre que havia trabalho em grupo, os colegas da turma se organizavam e eu sobrava, não era escolhido por ninguém. Inclusive, eu me lembro bem, nas aulas de educação física, eu tive uma professora que me isolava da atividade, ainda que eu pedisse pra jogar, afinal, eu já era bom de bola, eu sabia jogar futebol, bastava adaptar com a sacola, né! Este é um ponto muito relevante para abordar com os espectadores do curso Acessibilidade e Esporte, pois é de suma importância essa consciência da inclusão,

esse olhar para a diversidade e para o respeito, de maneira que o capacitismo não afaste crianças que sonham seguir a trilha da sua paixão de infância e desenvolver o seu talento, como eu fiz.

Eu ainda busquei alternativas na educação física, tentei natação e não gostei, fui buscando outros caminhos, até que um dia, um professor chamado Dodô, percebendo a minha paixão pelo futebol, me disse que existia futebol para cegos, que havia uma seleção brasileira de futebol de cegos! Uau! Nesse dia, eu comecei a sonhar pela segunda vez na vida! Dodô me incluiu nas atividades do colégio e começou a desenvolver minhas habilidades. Meu primeiro contato com um time de futebol de cegos foi aos 10 anos na Associação dos Cegos do Rio Grande do Sul, a ACERGS. Eu entrei e já comecei a me destacar, jogava com os caras mais velhos, era chamado pros campeonatos, até que fui convocado pra Seleção Brasileira aos 15 anos de idade! Foi uma baita surpresa, eu achava que era pro time da base, mas era um convite pra seleção principal mesmo! Aos 16 anos, fui eleito o melhor jogador do mundo!

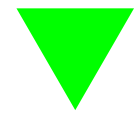
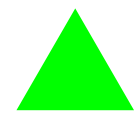


Claro que, ao longo deste caminho, me deparei com muitas barreiras e preconceitos. Cansei de me atrasar pro treino porque o motorista de ônibus, por má vontade, não parava pra eu subir, por exemplo. Eu não enxergava o ônibus que estava passando, tinha sempre que perguntar, mas os motoristas passavam direto, às vezes até por falta de conhecimento mesmo, claro, 15, 20 anos atrás, imagina, né! Foram muitos sacrifícios, mas sempre tive um apoio incondicional da minha família! Isso fez toda diferença pra eu chegar onde cheguei. E também tive a sorte de desenvolver meu futebol junto com uma geração extremamente talentosa, em um momento de grande investimento no esporte paralímpico brasileiro.

Em 2006, aos 18 anos, eu venci a Copa América. Depois veio a medalha de ouro nas Paralimpíadas de Pequim, na China, em 2008. Fazer parte do bicampeonato do Brasil nos Jogos Paralímpicos foi inesquecível e eu nem imaginava o que estaria por vir! Repetimos o título nos Jogos de Londres (2012), do Rio (2016) e de Tóquio (2020). Somos pentacampeões paralímpicos e eu fiz parte de quatro dessas cinco conquistas! Também somos

pentacampeões do Mundial organizado pela IBSA, estive presente em três deles, e ainda coleciono os títulos de pentacampeão Parapan-americano, tetracampeão da Copa América, pentacampeão brasileiro, fui eleito três vezes o melhor jogador do mundo na modalidade, três vezes o melhor do Brasil e atleta paralímpico do ano em 2018. Pela seleção, já alcancei a marca de 129 gols. No total da carreira, foram 355 gols. Isto, claro, somando os feitos nacionais, em clubes por onde passei, e sobretudo na AGAFUC, Associação Gaúcha de Futebol para Cegos, onde atuo também como camisa 10, na ala-esquerda. Ao todo, são 26 títulos pela Seleção e 15 títulos pela AGAFUC. Durante as palestras, é sempre legal escutar a reação do público quando eu exibo vídeos com alguns desses gols.

Tive a sorte de desenvolver meu futebol junto com uma geração extremamente talentosa, em um momento de grande investimento no esporte paralímpico brasileiro.

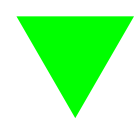
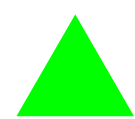


Num contexto mais amplo, basta dizer que o Brasil é uma potência paralímpica internacional, ocupa o Top 10 do quadro de medalhas dos Jogos Paralímpicos desde 2008. E quando se fala em seleção brasileira de futebol de cegos, não se trata mais de uma oportunidade de inclusão, estamos falando de esporte de alto rendimento, ou seja, são muitos atletas tentando chegar no topo, há uma lista enorme de jogadores querendo uma vaga no time, e é um time de 5 apenas, tanto que se chamava Futebol de Cinco. É preciso trabalhar muito pra se manter em alto nível, garantir a camisa 10 no meu caso, né, uma disputa boa e sadia, onde o Brasil só tem a ganhar!

Em termos de reconhecimento e retorno financeiro, ainda precisamos evoluir. Não há, claro, como comparar com o futebol profissional dos clubes ou da CBF, mas a sociedade precisa estar atenta para valorizar mais nosso trabalho, tão vitorioso, não só como incentivo, mas como apoio mesmo, eu digo, as grandes empresas patrocinadoras, os clubes e associações. Nisso entra o papel da mídia também em mostrar essas conquistas, não apenas durante os grandes eventos, mas, de preferência, com mais frequência. Algu-

mas regras e curiosidades do Futebol de Cegos ainda são desconhecidas para muitas pessoas, mesmo que alguns canais de televisão, como o SporTV, do Grupo Globo, por exemplo, venham transmitindo ao vivo os campeonatos já há alguns anos.

A modalidade é exclusiva para cegos ou pessoas com deficiência visual. As partidas, normalmente, são em uma quadra de futsal adaptada, de 20m por 40m, mas, desde os Jogos Paralímpicos de Atenas 2004, também têm sido praticadas em campos de grama sintética. O goleiro tem visão total e não pode ter participado de competições oficiais da Fifa nos últimos cinco anos. Junto às linhas laterais, são colocadas bandas que impedem que a bola saia do campo. Cada time é formado por cinco jogadores – um goleiro e quatro na linha. Diferentemente de um estádio convencional de futebol, as partidas de futebol de cegos são silenciosas, em locais sem eco. O jogo é dividido em dois tempos de 15 minutos, com 10 minutos de intervalo. A bola tem guizos internos para que os atletas consigam localizá-la. A torcida só pode se manifestar na hora do gol. Os jogadores usam uma venda nos olhos e, se tocá-la, cometerão uma

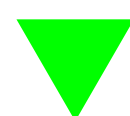


falta. Com cinco infrações, o atleta é expulso de campo e pode ser substituído por outro jogador. Há, ainda, um guia (chamador) que fica atrás do gol adversário para orientar os atletas do seu time. Ele diz onde os jogadores devem se posicionar em campo e para onde devem chutar. O técnico e o goleiro também auxiliam em quadra. Os atletas são divididos em três classes que começam sempre com a letra B (blind, cego em inglês). Nos Jogos Paralímpicos, porém, competem apenas os da classe B1. B1: Cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância. B2: Atletas com percepção de vultos. B3: Atletas que conseguem definir imagens.

Por fim, eu agradeço mais uma vez pelo convite, espero que minha palestra aos espectadores do curso Acessibilidade e Esporte do Museu do Futebol esclareça dúvidas e sensibilize o público a acompanhar mais o Futebol de Cegos e o esporte paralímpico, de forma geral. Será um prazer encontrá-los por aí nas arquibancadas, em eventos ao vivo ou pelas redes sociais! Nos meus perfis, eles poderão conhecer um pouco mais sobre mim, como a minha paixão pela música - eu adoro tocar violão, sempre levo nas via-

gens com a seleção brasileira - e minha outra paixão: cachorros! Estou até estudando adestramento de cães! Sempre que posso, estou em contato com a natureza, nas folgas eu vou visitar os parentes e amigos em Osório, e relembrar cada passo dessa trajetória que começou lá naqueles campinhos e naquelas paredes, com ou sem sacolas, numa cidade com 47 mil habitantes do litoral gaúcho que carrega em sua bandeira o lema "Glória e prosperidade", bah, isso me deixa tri orgulhoso!

RICARDO STEINMETZ ALVES, mais conhecido como Ricardinho, é um futebolista paralímpico brasileiro. Pessoa com deficiência visual desde os 8 anos de idade, ele é tricampeão paralímpico no futebol para cegos (Pequim 2008, do Rio 2016 e de Tóquio 2020). Atualmente joga pelo clube Agafuc-RS (Associação Gaúcha de Futsal para Cegos). Participou de três Jogos Paralímpicos e conquistou três medalhas de ouro como parte da equipe brasileira que não perdeu um jogo desde que o esporte foi lançado em Atenas 2004. Na Rio 2016, como capitão do time, Ricardinho conquistou a medalha de ouro e em 2018 foi nomeado o atleta paralímpico do ano, depois de liderar a equipe ao seu quinto título no Campeonato do Mundo.



Esperamos que você tenha gostado!

Para saber mais sobre nossa programação cultural, nossos projetos, Centro de Referência do Futebol Brasileiro, nossos serviços e para agendar uma visita educativa, acesse o site www.museudofutebol.org.br.

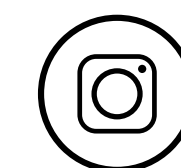
Será um prazer receber a todos!



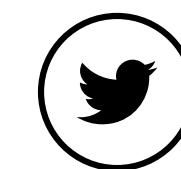
E se tiver alguma dúvida, ou quiser compartilhar o trabalho realizado em sala de aula, escreva para: educativomf@idbr.org.br



@museudofutebol



@museudofutebol



@museudofutebol



@museudofutebolspaulo



@museudofutebol

MUSEU DO FUTEBOL
PROGRAMA EDUCATIVO 2023

